



FOLHA DO JARDIM

Novembro 2014

Associação de Amigos do Jardim Botânico

Rua Jardim Botânico nº 1008, Casa 6 - Jardim Botânico

Rio de Janeiro – RJ CEP: 22470-180

✦ Editorial

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCÊ, JB



Foto por Ana Giglio

Celebrando a beleza das plantas ao longo do ano, o arbo-reto do Jardim Botânico é um paraíso verde dentro de uma cidade grande e barulhenta. Como um dos principais pontos turísticos da cidade, o JBRJ recebeu, este ano, mais de 1,2 milhão de visitantes. Por sua beleza e história, está entre os destinos mais procurados por turistas estrangeiros no Rio de Janeiro.

Quem entra no parque pelo acesso junto ao Centro de Visitantes logo encontra o Jardim Sensorial, um lugar onde as plantas podem ser tocadas pelos visitantes, especialmente por deficientes visuais, permitindo exercitar o tato e olfato. Ao lado, o Cactário, uma das maiores coleções de cactos e suculentas do Brasil, com cerca de 150 espécies, dois mirantes para observação que o conectam ao Caminho da Mata Atlântica e uma arquibancada, deliciosamente utilizada para contemplação. Mais a frente, o Lago Frei Leandro se enfeita de vitórias-régias tropicais da região Amazônica e de ninfeias, como que reverenciando a Deusa Tétis, cuja escultura em ferro feita por Louis Savagau desponta ao longe. Bem ao lado está o Cômoro, um local privilegiado para aqueles que buscam fotografar os tucanos. Essas aves procuram os frutos das palmeiras para alimento. É um divertimento vê-los brincar com os coquinhos dessas plantas.

A Casa dos Pilões foi uma das unidades de produção da Real Fábrica de Pólvora da Lagoa Rodrigo de Freitas.

As estufas do Orquidário, do Bromeliário, das Insetívoras e do Cactário são abrigos para centenas de espécies, criando um fascinante cenário. O Bromeliário conserva cerca de 1700

“Porque no Rio de Janeiro o ano pode ter duas estações que os sentidos reconhecem: o longo verão e o curto inverno. Mas o Jardim Botânico tem muitas, não se contenta com as quatro do calendário oficial.

Ali, cada mês fabrica suas próprias estações, multiplicando o ano pelo ritmo descompassado das flores que brotam, das folhas que caem, das frutas que colorem, de repente, o chão que na véspera estava varrido, e dos troncos do pau-mulato trocando de pele... Para não falar das saracuras, dos jacus, dos tucanos e dos macacos que vagueiam pelo Jardim Botânico como se lá fora, do outro lado dos portões, o Rio de Janeiro ainda fosse deles.”

Marcos Sá Corrêa

exemplares das Américas Central e do Sul, da Amazônia, Mata Atlântica, restingas e caatingas. Na curiosa Estufa das Insetívoras, o visitante pode observar uma coleção de plantas carnívoras. Com histórico de quase 100 anos, essas plantas que capturam insetos para obter os nutrientes necessários à sobrevivência da espécie foram trazidas ao Brasil oriundas da Alemanha, em um Zeppelin, na década de 30.

Um deslumbre os jardins temáticos! Sensorial, Medicinal, Japonês e Bíblico, são lugares onde se está cercado de perfume, cor e beleza. No Jardim Japonês com os bonsais, bambus e cerejeiras também se destacam as flores de Lótus.

O entorno ao Lago do Pescador é uma região onde observamos uma diversidade de plantas da Amazônia. Andirobas, Babaçus, Cacaueiros, Seringueiras e Paus-Mulatos, um esplendor! A estátua do Pescador, uma obra de Antônio Pinto de Mattos (1932), fica localizada na Cabana do Pescador.

Ao final da Aleia dos Jambeiros encontramos o Orquidário, reaberto em fevereiro deste ano, após reforma de sua estrutura, e abriga as mais belas espécies que fascinam por sua delicadeza e elegância. Depois, passamos pela Presidência e, em seguida, encontramos a coleção de bromélias. Atualmente, o JBRJ possui um dos maiores e mais importantes acervos de bromélias, espécies exóticas de rara beleza.

Para quem entra pelo portão da rua Jardim Botânico nº 920, a vista deslumbrante da Aleia das Palmeiras Imperiais praticamente impõe uma caminhada até o Chafariz das Musas. De lá,

continuando pelo mesmo sentido, chega-se ao Portal oriundo da demolição do prédio da Academia Imperial de Belas Artes (1938 – Arquiteto Grandjean de Montigny). A Aleia Custódio Serrão é um deslumbramento. Não há data certa para estar florida, os botões dos Abricós de Macaco se abrem e as flores se penduram por galhos e troncos. Carregado de cocos, quando maduros, os frutos caem quebrando-se ao meio e formando cuias que se enchem de água de chuva para matar a sede de macacos e outros bichos do Jardim.

Em suas trilhas o visitante ainda vai encontrar Sumaúmas. Com suas raízes gigantes que chegam até 5m e diâmetro largo, esta árvore, que pode viver por mais de cem anos, já foi ponto de descanso e inspiração para o compositor Tom Jobim. E mais, Paineiras Uricuri, o Bombax e belas e diversas plantas nativas e exóticas que são o centro das atenções.

Diante de tanta beleza, este mês a AAJB presenteia seus sócios e leitores com um Mapa do Arboreto. O objetivo é estimular o passeio a um dos poucos lugares nesta cidade que podem oferecer total segurança aos visitantes. O mapa, anexo à Folha do Jardim, foi criado para ajudar na identificação das principais trilhas, monumentos, edificações e aleias do Parque, além de indicar as facilidades de serviço oferecidas.

O Arboreto do Jardim é um lugar especial. Aproveite-o relaxando em um dos bancos de Clarice, sinta o abraço das plantas e seu aroma neste paraíso tranquilo e restaurador.

A DIRETORIA

Notícias

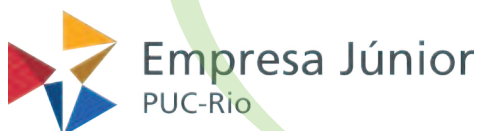
Conheça o curso de Desenho e Aquarela

O curso mensal de Desenho e Aquarela, dado pela professora Maria Angélica de Sá Earp, que existe desde 1998, é um curso contínuo onde os alunos recebem as instruções individualmente e trabalham como em um ateliê, podendo ingressar a qualquer época do ano.

- Para os que ainda não desenham, são propostos exercícios que ajudam a desenvolver a observação e a representação. Se o aluno não se interessa pelo desenho, se dedicará apenas à pintura - explica Maria Angélica.

O custo é de R\$ 170 por mês, e as aulas são às sextas-feiras, de 13h às 17h. O objetivo é exercitar o desenho e a aquarela a partir da utilização de diversos materiais. Para outras informações, envie um e-mail para cursos@amigosjb.org.br ou ligue para 2259-5026.

PARCEIRA NA ELABORAÇÃO DO MAPA DO ARBORETO:



Olhar Sustentável

Nossos rios, nossa vida

A cidade do Rio de Janeiro, produto direto da história geológica, se mostra diante do Oceano Atlântico com dois conjuntos de montanhas: os Maciços da Pedra Branca e da Tijuca. A cidade se espalha nas planícies que cercam as montanhas centrais recobertas por densa floresta atlântica.

As montanhas conversam com o clima e param as nuvens carregadas do oceano que se transformam em chuvas que irrigam a vida colina abaixo. A floresta absorve a enorme energia vinda das águas e encaminha essas águas de forma suave até o lençol freático que, como uma grande caixa de água, nutre os rios que se distribuem de forma radial por todo o maciço durante o ano. Sem florestas, as águas das chuvas escorrem com força e inundam as planícies, os rios se vão e secam.

Nossa cidade, um presente da natureza, tem uma espécie de grande telhado verde que nos protege da força das águas e, ao mesmo tempo, a armazena e a distribui pelos rios da cidade de forma perene. Momento oportuno para essas lembranças, hoje por descuido, esses rios limpos que nascem nas montanhas vão se sujando pelo mal trato e, poluídos, se perdem.

Como precisamos fazer a transposição das águas do Paraíba do Sul para o rio Guandu para garantir o abastecimento da metrópole Rio de Janeiro, nos esquecemos da força das pequenas ações tanto no uso mais eficiente da água tratada pelo sistema Guandu, como pelo uso criativo dos telhados da cidade absorvendo e produzindo energia e armazenando água.

Ampliando um pouco a ação, podemos chegar aos nossos rios que nascem nas montanhas, eles são locais, muito próximos. Assumamos sua importância e busquemos sua limpeza. Bairros tem seus rios, bairros podem adotá-los, e no trato do lixo e na recuperação das matas ciliares a vida se refaz.

Os rios são reflexos de tudo que ocorre na bacia hidrográfica, sem consenso o rio não limpa. Forte estímulo ao coletivo saudável que a todos pode unir. Nossa bela cidade pode ter suas montanhas verdes descendo pelas planícies, protegendo os rios através de faixas florestais onde se vê água limpa. Trabalho e orgulho coletivo.

LUIZ FELIPE GUANAES REGO

*é Diretor do NIMA - Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente

da PUC-Rio

Floração

Outubro/Novembro

Em nossa caminhada mensal, a diretora e paisagista Cécilia Beatriz da Veiga Soares identificou inúmeras espécies na floração dos meses de Outubro e Novembro. A listagem completa pode ser obtida no nosso site ou na sede da AAJB. O destaque é a *Lecythis pisonis* (família *Lecythidaceae*). É tempo de apreciarmos a extraordinária beleza das **sapucaias** com a coloração rósea brilhante de suas folhas novas. Podem ser encontradas na Aléia das Palmeiras e em vários locais do arboreto. Ocorre na floresta pluvial atlântica, do Ceará até o Rio de Janeiro, especialmente no Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo, característica das matas úmidas da Costa Atlântica. Árvore de grande porte pode atingir de 30 a 40m de altura, tronco com 50 a 90cm de diâmetro, galhosa e muito frondosa, de crescimento rápido. A casca é muito grossa e pardo-escura. As folhas são lanceoladas, grandes. Num curto período, entre os meses de setembro e outubro, perde totalmente as folhas, surgindo então uma folhagem novas de coloração róseo-brilhante, de extraordinária beleza que constitui o seu maior atrativo. As flores são violáceas e odoríferas. O fruto é grande, coriáceo, abrindo-se na

parte superior, quando maduro, como se tivesse tampa. As sementes são comestíveis e muito saborosas, disputadas pelos pequenos macacos, que, gulosos, tentam retirá-las todas de uma só vez de dentro do fruto. Algumas vezes, suas mãos ficam presas e eles se machucam. Esta é a origem do provérbio “macaco velho não mete a mão em cumbuca”.



Foto por Barbara Rachid

Por dentro do Jardim

INTERAÇÕES ENTRE PLANTAS E POLINIZADORES

Este mês estivemos com o pesquisador Leandro Freitas, que tem como principal linha de pesquisa as interações das flores e insetos vertebrados no processo de polinização.

- A polinização é uma relação positiva para ambos os lados, porque o animal obtém alimento ou outro tipo de recurso e a planta se beneficia no seu processo de reprodução sexual - explica o pesquisador.

Segundo Freitas, a polinização é essencial para a reprodução das plantas, porque é através do transporte do pólen de uma flor para outra que existe a formação de sementes.

Em boa parte das paisagens temperadas, este processo se dá através do vento, mas a maioria das plantas tropicais, cerca de 90%, é polinizada por animais.

A maior parte dos animais polinizadores são os insetos - principalmente as abelhas, que precisam do pólen para o desenvolvimento de

suas larvas, diferente de outros grupos de insetos, como moscas, vespas e borboletas, que precisam do açúcar para se manter, mas não têm uma dependência tão estreita.

Existem três linhas de pesquisa quando se trata de polinização. A primeira se refere à **evolução**, quando as plantas apresentam adaptações específicas para atrair seus respectivos polinizadores, como cores, odores e formas. De acordo com o biólogo, flores e polinizadores são muito utilizados como modelos para exemplificar o processo de seleção natural proposto por Darwin.

A segunda abordagem diz respeito à **ecologia de comunidades**, porque a polinização é fundamental no funcionamento da floresta.

- A diversidade de comunidades varia no espaço e no tempo, ajudando a entender e a descrever seu funcionamento: quem são os animais e quem são as plantas, onde ocorrem,

quando ocorrem e como interagem.

Os polinizadores e as plantas formam redes de interação, onde se tem espécies generalistas (que interagem com um grande número de espécies) e especialistas (que interagem com determinada espécie).

- Mas como a natureza é perfeita, os especialistas tendem a interagir com os generalistas, promovendo, assim, maior estabilidade às comunidades.

A terceira linha de pesquisa é a mais aplicada e pode ser subdividida em dois pontos: **mudanças dos habitats** (urbanização, redução das áreas, fragmentação) e **mudanças climáticas**. Aqui, busca-se entender como o processo da polinização afeta a dinâmica da comunidade.

- Com a redução das áreas de abrangência para polinização, são afetados, principalmente, os grupos mais especializados, podendo levar a um processo de extinção em cascata.

Programação

“Quem anda no chão, quem anda nas árvores, quem tem asas”, de Gustavo Ciríaco



Divulgação / Foto: Paula Kossatz

O Teatro Tom Jobim apresenta, até 7 de Dezembro, o espetáculo de dança “Quem anda no chão, quem anda nas árvores, quem tem asas”, do coreógrafo Gustavo Ciríaco. Neste trabalho, Ciríaco une tragédia e humor através de uma leitura contemporânea, usando cenários realistas que recriam habitats naturais.

Além do coreógrafo, estão no palco os bailarinos Antônio Pedro Lopes, Isabel Martins, Leo Nabuco, Luciana Fróes, Priscila Maia e Tiago Cadete.

Sextas às 15h e às 18h30, sábados às 18h30 e domingos às 17h30. Ingressos a R\$ 30. Classificação indicativa: 14 anos.

“Dois amores e um bicho”, de Gustavo Ott

A peça “Dois amores e um bicho” continua em cartaz, até dia 30 de Novembro, no Galpão das Artes do Espaço Tom Jobim. A peça de Gustavo Ott conta com a direção de Guilherme Delgado. No elenco estão Vitor Fraga, Ana Paula Novellino, Yndara Barbosa e Luiz Paulo Barreto. O espetáculo traz os espectadores à sala de estar de uma família que discute sobre crimes do passado e do presente.

Sextas e sábados às 21h e domingos às 20h. Ingressos a R\$ 40. Classificação indicativa: 14 anos.

Palestra na AAJB

Em outubro tivemos o biólogo Fernando Fernandez dando a palestra **Os mais ferozes e os mais estranhos: cinquenta mil anos de extinção de mamíferos**. A plateia, que lotou o auditório, estava muito interessada e participativa. Foi um sucesso!

No dia 29 de novembro vamos receber em nosso auditório o engenheiro agrônomo Alceo Magnanini proferindo a palestra **Os nossos frutos e frutas**.

Bichos do Jardim

Macaco-prego (*Sapajus nigritus*)



Foto por João Quental

O Jardim Botânico é banhado pelo Rio dos Macacos. Estranho seria, portanto, não tê-los aqui. Correto? Pois bem, das espécies originalmente encontradas no RJ, foram-se embora o gentil muriqui (*Brachyteles arachnoides*), bugio com seu vozeirão (*Alouatta guariba*), sagui-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*) e o mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*). Restou-nos, apenas, o macaco-prego (*Sapajus nigritus*).

É esse macaco, de penteado característico, o último genuinamente carioca que restou por essas bandas. Os saguis e os saimiris são todos “gringos”.

Sobrevivem ainda hoje por serem tão inteligentes e generalistas. Comem de tudo: plantas, brotos, frutos, invertebrados e pequenos vertebrados. Se conseguirem roubar um ovo, é regalo. Mas, infelizmente, se roubam um pacote de biscoitos, consideram, também, um regalo... A alimentação inadequada é fonte de imensos problemas de saúde e comportamento. Alimentá-los, mesmo com frutas, cria vícios comportamentais e incentiva ataques. Sua sobrevivência, em longo prazo, está ameaçada pela expansão urbana. Dependem das florestas, apesar de conviverem conosco. Sem poderem renovar as populações, arriscam-se a problemas genéticos.

Os machos são um pouco maiores que as fêmeas e tendem a ter um topete maior. Os grupos, comandados por um macho adulto, a quem acompanham um harém e alguns companheiros, passam o dia em movimento, buscando alimento e explorando o território. Os filhotes são comuns na primavera e verão, ficando com a mãe até 1 ano e meio. Na estação seca são vistos quase todos os dias, na chuvosa refugiam-se na mata.

Vê-los em suas atividades pelo Arboreto é uma das minhas atividades favoritas.

GABRIELA HELIODORO

*é bióloga e coordenadora do Projeto Fauna do JBRJ

Perguntas | Sugestões

Sua opinião é importante!

Jornalista Ligia Lopes

contato@amigosjb.org.br

+55 21 2239-9742 | +55 21 2259-5026